

EDUCAÇÃO AGROFLORESTAL: construindo junto o conhecimento

Fabiana Mongeli Peneireiro¹

*gente é pra brilhar
gente é criativa
gente é curiosa
gente é especial
cada um é um, natureza ímpar,
e educação é para ampliar os horizontes,
dar mais liberdade,
fazer as asas crescerem,
os olhos crescerem,
todos os sentidos se desenvolverem,
educação é pra gente viver melhor.*

Falar sobre educação agroflorestal é ver a chamada extensão rural sob um prisma completamente diferente. É difundir agrofloresta, agroecologia, contextualizada na realidade dos agricultores, que são vistos como agentes de mudança, atores sociais reflexivos, com muita experiência e que, lendo o mundo ao seu redor, são capazes de construir novos conhecimentos a partir daqueles que já carregam consigo, fruto de sua trajetória de vida que se mesclam com conhecimentos dos outros e que faz emergir novas visões ou compreensões a partir da reflexão ao confrontar idéias e conceitos.

A intenção aqui, mais do que palestrar, de expor idéias, é compartilhar experiências, e gerar um momento rico de troca, de criação de novas possibilidades para que possamos inovar, sermos criativos, para que cada que está aqui presente saia daqui mais rico, com mais figurinhas para trocar. Temos aqui o desafio de aliarmos o conhecimento científico e o conhecimento empírico, pesquisador acadêmico e agricultor-pesquisador, envolver homens, mulheres, jovens, velhos e crianças, um envolvimento efetivo dos(as) agricultores (as) no processo de reflexão/conscientização/construção de conhecimentos/mudança de atitude e da ação cotidiana. Nós, ao agirmos como extensionistas na perspectiva de educadores, podemos contribuir para a transformação da realidade ao promovermos esse processo a partir de um diálogo franco e aberto com os que verdadeiramente agem e transformam a paisagem, produzem alimentos e mantêm suas famílias com o fruto do trabalho na terra, da relação com a natureza.

Falo aqui de educação agroflorestal e não extensão agroflorestal porque “é tarefa do educador problematizar aos educandos o conteúdo, é desafiar os camponeses, cada vez mais, no sentido de que penetrem na significação do conteúdo temático diante do qual se acham, estimulá-los a compreender e a interagir com o conhecimento a ser adquirido, e não a de dissertar sobre ele, de dá-lo, de estendê-lo, de entregá-lo, como se tratasse de algo já feito, elaborado, acabado, terminado”. A primeira concepção é busca constante de libertação e a segunda, é instrumento de dominação. (Paulo Freire, 1977).

“Para uns, educação é transferência de conhecimentos e consiste em estendê-los aos educandos passivos, com o que impedem nestes últimos o desenvolvimento da postura ativa e co-participante, característica de quem conhece. Esta falsa concepção da educação, que se baseia no depósito de informes nos educandos, constitui, no fundo, um obstáculo à transformação.” (Paulo Freire, 1977).

O educador, como que dissipa as brumas, retira o véu que encobre os olhos do educando. Se o aprendizado é feito a partir de uma situação existencial, uma situação, por isto mesmo, vivida pelos camponeses que, enquanto a viviam, ou não a admiravam ou, se a

¹ Engenheira Agrônoma, MSc em Ciências Florestais.

Endereço: Gerência de Educação Profissional/SEE Acre – Av. Nações Unidas, 1068. Bosque – Rio Branco/AC 69909-720
fmpeir@hotmail.com

admiravam, o faziam através de um mero dar-se conta da situação, o desvendar, o olhar sobre outra perspectiva, tomando consciência da situação, lhes leva a uma sensação de surpresa e conquista. “Eu já sabia disso, eu só não sabia que sabia” (frase dita por um agricultor do Assentamento Humaitá, Porto Acre, durante curso de capacitação a partir da metodologia de educação agroflorestal do Arboreto/PZ/UFAC). “Na admiração do mundo admirado, os homens tomam conhecimento da forma como estavam conhecendo, e assim reconhecem a necessidade de conhecer melhor.” (Paulo Freire, 1983).

Contribuir para que as ações nossas e dos(as) agricultores(as) com quem trabalhamos possam vir a ser realmente sustentáveis, em todos os sentidos, é gratificante, e, mais ainda, se for numa perspectiva libertária.

O papel do educador é propiciar oportunidades para que o educando leia, interprete o mundo, reflita sobre ele e sobre o estar nele, pondere e esboce possibilidades de agir sobre ele, de forma consciente.

É bom aproveitarmos as diferenças. Elas enriquecem, dinamizam.

“Só aprende quem tem algo pra ensinar e só ensina quem está aberto para aprender.” (Paulo Freire).

Aprendi muito e tenho sempre aprendido com os(as) agricultores(as), os(as) técnicos(as) com quem tenho interagido. E sem dúvida tenho também deflagrado processos de mudanças nessas pessoas. Esse crescimento, esse amadurecimento, essa riqueza de conhecimentos adquiridos é algo espetacular no exercício do educador/educando.

Vamos parar um pouco para refletir o que estamos fazendo como técnicos. Como temos influenciado a vida dos(as) agricultores(as) com quem lidamos? Será que estamos considerando essas pessoas como agentes de mudança, como atores sociais? Ou será que muitas vezes vamos com a postura de que sabemos o que é bom para elas, mas elas não querem se ajudar, não nos ouvem, não fazem o que sugerimos... Já ouvi de muitos extensionistas: “A gente explica tudo direitinho, vira as costas e parece que não entenderam nada, pois não fazem do jeito que a gente explicou...”.

Essa compreensão de que o técnico é quem detém o conhecimento e o agricultor não sabe, de que conhecimento técnico é complicado para o(a) agricultor(a), de que o pesquisador gera conhecimento para repassar para o agricultor, ainda é um paradigma muito presente. E cada vez torna-se mais intransponível o abismo entre agricultor e pesquisador. “As pessoas simples vem sendo expulsas da órbita das decisões. As tarefas de seu tempo não são captadas pelo homem simples, mas a ele apresentadas por uma “elite” que as interpreta e lhas entrega em forma de receita, de prescrição a ser seguida.” (Paulo Freire, 1977).

No último CBSAF (Congresso Brasileiro de Sistemas Agroflorestais) alguns agricultores com quem a gente trabalha no Acre puderam acompanhar as palestras, estar com os pesquisadores, com aqueles que geram conhecimento para eles usufruírem. Um dos agricultores, que hoje é um multiplicador, um agente agroflorestal, expôs seu sentimento com relação a um pesquisador, o qual falava sobre um tema que ele tinha muita experiência prática, na sua profissão de agricultor, comentando: “sabem como eu me sinto?: eu um analfabeto e ele um gringo”. Por que somos tão distantes dos agricultores? Por que criamos um universo tão complicado, inacessível? Por que será que nos sentimos tão poderosos com isso? E por que os(as) agricultores(as) não podem ter acesso ao conhecimento científico desenvolvido, de forma compreensível para eles?

Toda a separação entre os que sabem e os que não sabem, do mesmo modo que a separação entre as elites e o povo, é apenas fruto de circunstâncias históricas que podem e devem ser transformadas. (Paulo Freire, 1977).

“Toda relação de dominação, de exploração, de opressão já é, em si, violenta.” “O grande perigo do assistencialismo está na violência do seu antidiálogo, que, impondo ao homem mutismo e passividade, não lhe oferece condições especiais para o desenvolvimento ou a “abertura” de sua consciência que, nas democracias autênticas, há de ser cada vez mais crítica.” (Paulo Freire, 1983).

“O que importa, realmente, ao ajudar-se o homem é ajudá-lo a ajudar-se. É pô-lo numa postura conscientemente crítica diante de seus problemas.” “As soluções devem ser definidas com o povo e não para o povo.” (Paulo Freire, 1983).

Trabalhar com agrofloresta, com agroecologia, se queremos escala, transformação da sociedade com vistas à sustentabilidade, precisamos repensar e mudar nossa compreensão tanto com relação aos paradigmas filosóficos, quanto científicos, quer seja conceitualmente, quer seja na questão metodológica, bem como no processo de construção e replicação do conhecimento.

Temos um desafio que integra a pesquisa e a extensão: por que não trabalhamos juntos, pesquisadores(as) e agricultores(as)? Cada um tem seu conhecimento, tem suas habilidades. Uns tem mais acesso a informações, outros tem um conhecimento detalhado, de observação de anos, de estar no dia a dia com a natureza... “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.” (Paulo Freire, 1983).

Ao se trabalhar pesquisa participativa, o conhecimento é gerado pelo(a) próprio(a) agricultor(a), que passa a usá-lo porque compreende, porque não um conhecimento alienígena, e sabe, inclusive multiplicá-lo para outros(as) agricultores(as).

“Uma pedagogia da liberdade, como a que Paulo Freire nos propõe, tem suas exigências, e a primeira delas é exatamente o reconhecimento dos privilégios da prática. Todo o aprendizado deve encontrar-se intimamente associado à tomada de consciência da situação real vivida pelo educando.” (Paulo Freire, 1977).

“A tomada de consciência só ocorre sob a pressão dos fracassos e dos obstáculos encontrados pelo sujeito quando ele tenta atingir os objetivos que o motivam. A causa da conduta de tomadas de consciência é essencialmente extrínseca ao sujeito.” (Perrenoud, 2000).

Para haver uma transformação de atitude é preciso haver mudança interna e para isso, a interiorização é condição intrínseca. Só ocorre interiorização quando há um movimento interno, um desarranjar e rearranjar de idéias e sentimentos. As coisas só são interiorizadas e passam a fazer parte do nosso cotidiano quando fazem sentido pra nós. É nesse sentido que vale a pena refletirmos para que nossas ações não sejam de adestradores mas de educadores.

Para que o conhecimento venha a ser parte integrante do(a) agricultor(a), é muito importante valorizar o conhecimento que ele(a) já possui, partir da sua realidade, da sua necessidade, do seu interesse.

Nós fomos condicionados a ficar sentados horas, a abstrair, e ainda assim, muitas vezes nos distraímos e, do que ouvimos, muito pouco retemos. Imaginem os agricultores, que tem outra forma de se relacionar com a realidade, com o mundo das idéias. São muito mais concretos, palpáveis, sensitivos, práticos...

É trabalhando no dia a dia com seringueiros, colonos, índios, que o Arboreto/PZ/UFAC desenvolveu a metodologia de educação agroflorestal que vou apresentar a vocês, e que está longe de apresentar-se acabada. Ela está sendo constantemente ajustada, a partir do nosso aprendizado constante e da contribuição dos educadores que estão sendo formados como multiplicadores. Aplicamos e valizamos essa metodologia junto a agricultores (colonos, índios); técnicos extensionistas; estudantes de curso técnico profissionalizante e universitários da UFAC; e alunos do ensino fundamental.

Nos inspiramos muito no educador Paulo Freire, que em pouquíssimo tempo conseguia fazer com que os educandos se tornassem agentes de mudança. Seu trabalho educativo todo se baseia na ação, tendo a práxis como uma marca forte, considerando o educando como sujeito que age e pensa enquanto atua sobre determinada realidade. Para ele, o processo de conscientização orienta a leitura de mundo. Educação e conscientização caminham juntas.

Também nos fundamentamos no construtivismo, processo pelo qual o conhecimento é construído a partir de conhecimentos prévios. Essa construção se dá através do diálogo,

da troca de experiências, valorizando o conhecimento já adquirido na trajetória de vida de cada um, adaptando à realidade e às necessidades concretas.

Outro aspecto fundamental é trabalharmos a partir de uma **visão sistêmica e integrada**, considerando a relação ser humano/natureza, os princípios ecológicos, a realidade ambiental e sócio-econômica-cultural.

Nossa **principal ferramenta é o diálogo**. “Só o diálogo comunica, instalando-se uma relação de simpatia entre ambos interlocutores.” (Paulo Freire, 1983).

Partimos da premissa de que o(a) técnico(a)/pesquisador(a)/professor(a) é um(a) catalisador(a) do processo de aprendizagem e que **a educação se dá em dupla via**: O educador é educando e o educando é também educador.

Ao conhecimento ser construído dessa maneira, a auto-gestão é muito mais provável de ser alcançada pois gera co-responsabilidade no processo de criação e utilização de tecnologias e novas formas de uso da terra e dos recursos.

O **processo pedagógico é dinâmico e interativo**. Utilizamos várias ferramentas e espaços pedagógicos, de modo que no momento que estamos juntos (técnicos(as) e agricultores(as)) não se torna cansativo, pelo contrário, torna-se interessante e agradável. Nesses momentos são utilizadas **ferramentas didáticas adaptadas ao universo do educando**. No caso dos agricultores, utilizamos **gravuras, maquetes, painel com figuras (flanelógrafo), vídeos, músicas, contação de histórias**, entre outras. Buscamos sempre **aliar a teoria à prática**: a prática vem para demonstrar o que foi teorizado e a teoria surge para explicar a prática, sem que haja dicotomia evidente entre teoria e prática. “A práxis é fundamental na construção do conhecimento.” (Paulo Freire, 1983). Com isso, se aprende fazendo, a partir de práticas de campo, utilizando todos os sentidos (tato, audição, visão, olfato, paladar). Realizamos pequenos experimentos pra compreendermos um conceito ou fenômeno, utilizamos **práticas de estimulação dedutiva, teatro, dinâmicas interativas**, dentre outras atividades.

Dependendo do público e das condições, utilizamos também **leitura, escrita, apresentação em data-show e outros meios áudio-visuais**.

Iniciamos o processo a partir de um diagnóstico situacional, de um **sondeio** sobre o que interessa ser aprendido/descoberto/inventado, a partir de demandas concretas da comunidade, seguido de um **planejamento participativo**, onde são priorizadas ações e discutidas formas de resolver os problemas e fortalecer as potencialidades apontadas no sondeio. “Não há educação fora das sociedades humanas e não há ser humano no vazio”. (Paulo Freire, 1983). Tendo surgido necessidade de aprofundamento na compreensão de determinados temas, o próximo passo são **cursos de capacitação** utilizando-se a metodologia acima descrita. Muitas vezes acaba gerando necessidade de realizar experimentação, e então inicia-se a **pesquisa participativa**. Acaba-se **aprendendo a partir de resolução de problemas, de projetos**. A **troca de experiências** é então fundamental para consolidar o aprendizado, ao mesmo tempo em que valoriza o trabalho e o conhecimento adquirido por cada um. (Peneireiro, 2002; Quental, 2002).

Essa metodologia é respaldada com a **Mochila do Educador Agroflorestal**. Trata-se de uma mochila onde encerra os vários materiais didáticos utilizados, tendo como conteúdo: **i) Apostila sobre Sistemas Agroflorestais; ii) Manual do Educador Agroflorestal; iii) Fita de vídeo contendo quatro filmes; iv) Flanelógrafo para análise de paisagem; v) Gravuras coloridas; vi) Maquete agroflorestal; vii) Fita K-7 ou CD com coletânea de contos e músicas**.

Quando um educador atinge o objetivo, ele é reconhecido como importante no processo mas não como aquele que ensinou. Embora catalise, viabilize processos de aprendizagem, aprender é um fenômeno individual, único, fruto de um arranjo de conceitos, valores, organizados a partir da vivência de cada um. Se for perguntado para o agricultor como aprendeu determinada técnica, por exemplo, responderá que aprendeu fazendo, testando, observando, com todos. Essa mudança de foco do educador para o educando é estratégica para consolidar a apropriação do conhecimento.

Recentes teorias de aprendizagem constataam a complexidade envolvida no processo de aprender. O educando é visto como uma pessoa concreta e complexa, com objetivos próprios, inserida em um contexto cultural, social, político e econômico específico, dotado de saber singular produzido na interação com seu ambiente, devendo estar consciente de que pode operar sobre a realidade e transformá-la. O educando não é um ser abstrato, mas uma pessoa com um passado, uma história de vida, com projetos, uma família, um ambiente social, profissional e cultural. A classe não se limita a uma justaposição de indivíduos, mas constitui sobretudo um grupo em interação. O educando, visto desta forma, é colocado no centro do processo educativo. A ênfase desloca-se do ensinar para o aprender. (Castro, 2000).

Tal perspectiva muda também a forma de se ver o educador. Ele é visto como um profissional empenhado em facilitar o acesso às informações que serão transformadas em conhecimentos. É um facilitador da aprendizagem, responsável pela troca de saberes e experiências de vida entre os participantes do processo educativo. Responsável pela coordenação da (re) construção coletiva do conhecimento.

Os técnicos extensionistas, ao se depararem com a metodologia de educação agroflorestal passa a vislumbrar outras possibilidades, tanto de trabalhar a “extensão rural” quanto a agricultura. Um técnico, educador agroflorestal, deu o seguinte depoimento: “esse bendito SAF acabou com todo o meu estudo. Vou ter que rever os meus conceitos. Pensando que eu era doutor...”

Observamos que quanto mais as pessoas estão longe da realidade das plantas, mais acredita nos técnicos e menos nos agricultores.

“Eu não sou mais o eu anterior, no sentido de conhecimento, de capacidade. Tivemos capacidade de ensinar e aprender.” (depoimento de agricultor que participou de capacitação que seguiu a metodologia de educação agroflorestal).

“A gente tem que começar a andar com os próprios pés. Não dá pra esperar o Arboreto sempre”. “Hoje eu to andando e tô olhando. Só se aprende com a natureza. O açazeiro sai bonito embaixo de um apuí...”. (fala de um agricultor envolvido em trabalho realizado com base na metodologia de educação agroflorestal).

A nossa preocupação, comungando com Paulo Freire, em todo esse ensaio, foi sempre a de destacar os princípios e a fundamentação de uma educação que seja prática da liberdade, para a transformação da realidade para uma efetivamente mais sustentável.

“Veja que bugre só pega por desvios, não anda em estradas. Pois é nos desvios que se encontram as melhores surpresas. E os araticuns maduros”. Assim vamos procurando novas veredas para construir um amanhã mais feliz, com mais justiça, solidariedade e vida.

Bibliografia:

- Castro, L.V. Analisando a proposta do SENAC-Rio, In: A Construção da Proposta Pedagógica do Senac Rio. Rio de Janeiro: SENAC. 2000. 250p.
- Paulo F. Extensão ou comunicação? Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1983. 93p.
- Paulo F. Educação como prática da Liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1977. 142p.
- Peneireiro, F.M. “Sistemas Agroflorestais em Assentamentos” - “A experiência com agrofloresta no PAD Humaitá/Porto Acre/AC”. IV Congresso Brasileiro de Sistemas Agroflorestais, Ilhéus. 21 - 26 de outubro de 2002.
- Perrenoud, F. A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e Razão Pedagógica. Porto Alegre: Artmed. 2002, 455 p.
- Rodrigues, F.Q, Peneireiro, F.M., Ludewigs, T., Meneses-Filho, L.C.L., Almeida, D.A. Formação de educadores agroflorestais no Estado do Acre. IV Congresso Brasileiro de Sistemas Agroflorestais, Ilhéus. 21 - 26 de outubro de 2002.